



## PERESTROIKA: UMA PERSPECTIVA DE ANÁLISE SOBRE A POLÍTICA REFORMISTA NA URSS (1985 – 1991)

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.4149

Ana Cláudia Gomes Santos, UEL

### Resumo

Mikhail Gorbachev foi o último governante da extinta União Soviética. Seu governo é relembrado como o período em que o reformismo tomou conta da sociedade soviética a partir da segunda metade da década de 1980. Porém, ao mesmo tempo em que, em seu discurso, a *Perestroika* seria a responsável por colocar a URSS novamente em seu caminho de prosperidade e desenvolvimento, de forma a perpetuar o socialismo soviético e superar os diversos problemas econômicos e sociais enfrentados desde a década de 1970, na prática, a “reestruturação” abriu as portas para movimentos que implodiram a União Soviética e culminaram em seu fim. Diversas são as reflexões e pontos de vista sobre este período repleto de contradições e controvérsias na história russa. A dúvida sobre quais eram as verdadeiras intenções de Gorbachev ao promover as reformas, além de tentar atribuir à determinados elementos a responsabilidade pela queda da URSS pairam sobre diversos estudos que se propõem a analisar o período. Desta forma, este trabalho propõe-se a identificar estes discursos a partir de duas perspectivas principais: do documentário *Farewell Comrades!* do cineasta russo Andrei Nekrasov, e do livro “Perestroika: Novas ideias para o meu país e o mundo”, escrito pelo próprio Mikhail Gorbachev, inserido nas discussões da época sobre a reestruturação. A proposta deste trabalho, portanto, é apresentar algumas reflexões sobre o caráter reformista da Perestroika, além de tentar promover novas discussões sobre a intencionalidade destas reformas.

### Palavras Chave:

Perestroika;  
reestruturação;  
documentário; URSS.

## Introdução

Entre 1985 e 1991, a União Soviética, tentando enfrentar desafios internos e externos que se acumulavam, passou por um período de profundas turbulências: a *perestroika* e a *glasnost*. A sociedade e o Partido, num contexto de amplas liberdades, cedo dividiram-se entre *reformistas* e *conservadores*. O sistema não podia continuar como estava, todos concordavam, mas foi difícil definir e trilhar caminhos que levassem à superação dos problemas. (REIS FILHO, 2003, p. 135).

Mikhail Gorbachev foi o último governante da União Soviética. Com sua ascensão ao poder, no ano de 1985, o reformismo tomou conta da sociedade soviética. Com sua saída do cargo de presidente, em 1991, a União Soviética conheceu seu fim. Como o excerto de Daniel Aarão Reis Filho sugere, a era Gorbachev foi um período no qual a construção de alternativas para o desenvolvimento do país passou por vários percalços. Sintomaticamente, no final desse processo, a URSS se desintegrou.

O que deu errado nas reformas de Gorbachev? Aliás, qual era a real intenção da reestruturação almejada pelo líder soviético? É possível buscar respostas para essas perguntas a partir da análise de variados pontos de vista. Dessa forma, em um primeiro momento partiremos do documentário *Adeus, Camaradas!*, de Andrei Nekrasov, contrastando-o com o livro *As Revoluções Russas e o Socialismo Soviético*, de Daniel Aarão Reis Filho para levantar reflexões sobre o período. Em um segundo momento, nos deteremos na *perestroika* em si, tomando como bases o livro homônimo de autoria do próprio Gorbachev e a *Era dos Extremos*, de Eric Hobsbawm. Por fim, delinearemos os pontos mais importantes para se pensar o governo Gorbachev e a queda da União

Soviética.

## Objetivos

Levantar reflexões sobre a política de caráter reformista promovida por Mikhail Gorbachev entre os anos de 1985 e 1991, através da bibliografia sobre o tema, além do documentário *Adeus, Camaradas!*, de Andrei Nekrasov, de forma a compreender quais os objetivos destas reformas e quais foram seus resultados práticos na sociedade soviética.

## Desenvolvimento

*Adeus, Camaradas!* é um documentário lançado em 2011, produzido pelo canal ARTE – uma rede pública de televisão franco-alemã focada na cultura e nas artes – em associação com redes de televisão de outros países europeus. O documentário é dirigido pelo documentarista russo Andrei Nekrasov (1958-), que aborda em suas obras, principalmente, a história russa e soviética.

Nekrasov traz em seu documentário o processo do fim da União Soviética, abrangendo os dezesseis últimos anos da história do país. O diretor constrói sua narrativa a partir das dúvidas de sua filha, Tatiana Nekrasov, sobre o processo de desagregação da União Soviética. Dessa forma, intercalam-se falas e experiências de Andrei – que viveu de sua infância à vida adulta no regime comunista – e de Tatiana – que cresceu na Berlim ocidental durante os anos 80, longe de seu pai. Desta forma, *Adeus, Camaradas!*, possui um modelo participativo de produção de documentários. Logo no início da obra, Nekrasov apresenta um discurso de tom saudosista e lamurioso sobre a URSS e seu fim, ao mesmo tempo em que sua filha Tatiana surge para apresentar as contradições presentes na história da URSS. Ambos baseiam-se em suas experiências pessoais, participando ativamente do documentário.

[...] A voz do cineasta emerge, principalmente, como uma

perspectiva sobre o tema do filme. O cineasta serve como pesquisador ou repórter investigativo. Em outros casos, a voz do cineasta emerge do envolvimento direto, pessoal, nos acontecimentos, enquanto eles ocorrem. Talvez isso se mantenha na órbita do repórter investigativo, que faz seu próprio envolvimento na história ser crucial para o desenrolar dos acontecimentos. (NICHOLS, 2012, p. 156).

Além disso, o diretor faz uso de filmagens do período e de um grande número de entrevistas. Ao longo de *Adeus, Camaradas!*, mais de 50 pessoas são entrevistadas e dão seus depoimentos sobre os acontecimentos do período em questão. Entre elas estão russos, alemães, poloneses, romenos, tchecos, húngaros e georgianos das mais variadas ocupações, como funcionários dos governos comunistas, ativistas de direitos humanos, operários e artistas. Dessa forma, pode-se perceber que Nekrasov busca fundamentar fortemente o seu posicionamento a partir das falas e experiências de seus entrevistados. Nos documentários participativos, a entrevista é uma das formas mais comuns que o cineasta utiliza para promover o encontro entre diretor e tema de seu filme, pois,

as entrevistas são uma forma distinta de encontro social. Elas diferem da conversa corriqueira e do processo mais coercitivo de interrogação, à custa do quadro institucional em que ocorram e dos protocolos ou diretrizes específicos que as estruturam. As entrevistas ocorrem num campo de trabalho antropológico ou sociológico; [...] a entrevista torna-se o processo prévio de “colher meios de prova” e, durante julgamentos, o testemunho. (NICHOLS, 2012, p. 160).

Portanto, dentro deste modo participativo, os cineastas “usam a entrevista para juntar relatos diferentes numa única história”, onde “a voz do

cineasta emerge da tecedura das vozes participantes e do material que trazem para sustentar o que dizem” (NICHOLS, 2012, p. 160).

O diretor divide a narrativa em seis capítulos: *Vitória (1975-1979)*, *Ameaça (1980-1985)*, *Esperança (1985-1987)*, *Choque (1988)*, *Rebelião (1989)* e *Colapso (1990-1991)*. Os dois primeiros capítulos abordam o governo de Leonid Brejnev, demonstrado como o momento do auge do poder da União Soviética, quando quase metade do planeta se encontrava sob sua influência. Segundo Daniel Aarão Reis Filho, esse

foi o tempo o *socialismo desenvolvido*. A União Soviética parecia, a seus dirigentes, ter alcançado o máximo de sua glória, superpotência mundial respeitada em todo o mundo, garantindo a seus cidadãos sempre melhores condições de vida e trabalho. (2003, p. 128-129).

Ainda segundo Reis Filho (2003), a doutrina Brejnev – baseada na ideia de *soberania limitada* –, parecia ter amarrado as *democracias populares* – República Democrática Alemã, Tchecoslováquia, Polônia, Romênia, Hungria, Bulgária – na órbita de Moscou.

Um acontecimento marcante do período é a realização da Conferência sobre Segurança e Cooperação na Europa, em Helsinque, no ano de 1975. Nessa conferência, foram legitimadas as fronteiras europeias definidas no pós-Segunda Guerra Mundial e a supremacia soviética no Leste Europeu. Contudo, Brejnev assinou uma cláusula sobre respeito aos direitos humanos, que, segundo Nekrasov, se revelou uma armadilha da História, na medida em que levou a consequências cruciais para a desagregação da União Soviética.

É ressaltado no documentário que o comunismo funcionava para alguns, mas não para todos, como deveria ser. Segundo Alexander Tsipko, ex-professor de marxismo-leninismo, o desafio era

seguir o marxismo na forma, distanciando-se ao mesmo tempo das teorias da Revolução Permanente e da ditadura do proletariado. Na realidade, o que se viu foi uma “economia de prateleiras vazias”, em um império capaz de mandar homens para o espaço.

A partir do terceiro capítulo, Nekrasov foca no governo de Gorbachev, mostrado como um homem que, quando descobriu os horrores da era stalinista, buscou consolo na crença de que o verdadeiro socialismo ainda não tinha sido alcançado. Dessa forma, partia do princípio de que se a União Soviética fizesse as pazes com o Ocidente, ele poderia transformar a nação e começaria a modernizá-la. Em 1987, Gorbachev expôs estas ideias ao mundo em seu livro *Perestroika. Novas ideias para o meu país e o mundo*, buscando não apenas um convite ao diálogo com os outros países - principalmente os Estados Unidos - mas também os planos a serem implementados na União Soviética, de forma a resolver os problemas enfrentados na época, tanto dentro da própria URSS, quanto na relação com a comunidade internacional, o que segundo Reis Filho (2003), despertou grande simpatia pelo líder soviético na opinião pública internacional. A análise de Daniel Aarão Reis Filho coloca as ações de Gorbachev na esteira das propostas reformistas de Nikita Kruchev, líder da União Soviética entre 1953 e 1964, que delineou uma política de *coexistência pacífica* com os países ocidentais e de *desestalinização* do Estado soviético.

Em 1986, no XXVII Congresso do Partido Comunista, Gorbachev anuncia a *perestroika* e *glasnost* - respectivamente, reestruturação e transparência -, dizendo que “não há democratização sem abertura”. Segundo o próprio secretário-geral do Partido, a URSS encontrava-se em uma situação dramática, logo, tornava-se urgente uma análise autocrítica do Partido Comunista, que analisasse a situação complexa do país naquele momento. Em suas palavras:

O país começou a perder impulso. Os insucessos econômicos eram mais frequentes, as dificuldades começaram a se acumular e deteriorar, e os problemas não-solucionados multiplicaram-se. Começaram a aparecer na vida social elementos do que chamamos de estagnação e outros fenômenos estranhos ao socialismo. Formou-se uma espécie de freio que afetou o desenvolvimento socioeconômico. E tudo isso aconteceu numa época em que a revolução científica e tecnológica abria novos horizontes para o progresso econômico e social”. (1988, p. 17).

Contudo, Reis (2003, p. 136) ressalta que, “[...] em relação a reformas concretas, parecia haver uma certa hesitação. [...] o governo soviético limitava-se a retomar campanhas *ideológicas* típicas dos períodos anteriores”, que “[...] tendiam a frustrar as expectativas, pois o enfrentamento de desafios históricos exigia algo bem mais profundo e consistente”. (REIS FILHO, 2003, p. 137). Segundo o autor, Gorbachev, em seu livro *Perestroika*, fazia uma análise dos problemas do socialismo soviético, mas “[...] não apontava propostas de políticas concretas, legislações específicas, capazes de desatar os nós e de superar os estrangulamentos e os problemas denunciados”. (REIS FILHO, 2003, p. 137). Dessa forma, a popularidade alcançada por Gorbachev no âmbito internacional não era acompanhada na mesma medida no interior da União Soviética. Segundo Eric Hobsbawm,

“Os programas políticos da maioria dos governos da década de 1970, e as políticas da maioria dos Estados, baseavam-se na suposição de que os problemas da década de 1970 eram apenas temporários. Um ano ou dois trariam a volta da velha prosperidade e crescimento. Não havia necessidade de mudar os programas que haviam servido tão bem durante uma geração. Essencialmente, a história dessa década foi de governos comprando

tempo – no caso de Estados do Terceiro Mundo e socialistas, muitas vezes pela entrada pesada no que esperavam que fossem dívidas de curto prazo [...]" (HOBSBAWM, 1995, p. 398).

Desta forma, mesmo vendo-se diante dos mesmos problemas políticos, sociais e econômicos que arrastavam-se desde a década de 1960, Mikhail Gorbachev adotou medidas já tentadas em governos anteriores, contrapondo-se ao seu próprio discurso de inovação e mudanças.

Dentro do documentário, Nekrasov dá muita visibilidade às questões nacionais – tanto nas repúblicas soviéticas quanto nos outros países do Pacto de Varsóvia –, focando, principalmente, os governos de Ceausescu na Romênia, de Jaruzelski na Polônia e de Honecker na República Democrática Alemã. É possível notar que, segundo a perspectiva adotada pelo documentário, as questões nacionais tiveram grande importância no processo de desagregação da União Soviética. Contudo, como ressaltado pela ativista de direitos humanos estoniana Lagle Parek, Gorbachev não levou em conta o nacionalismo em sua política de democratização do regime. Reis Filho concorda com essa posição, dizendo que “[...] as contradições nacionais eram bastante subestimadas, se não ignoradas. E por isso mesmo, no contexto da crise que se avizinhava, explodiriam com um vigor inesperado”. (2003, p. 147). Mesmo assim, Gorbachev era visto como pacificador na Organização das Nações Unidas, apesar das ameaças que fazia para manter a paz dentro da União Soviética – como os massacres de Sumgait, no Afeganistão, em 1988 e de Tbilisi, na Geórgia, em 1989.

Um dos pontos principais da *perestroika* foi a democratização do sistema socialista soviético. Para isso, Gorbachev remonta a Lênin como fonte ideológica da *perestroika* a fim de extrair de sua filosofia política, diretrizes para o socialismo na

União Soviética. Para o autor, Lênin deixa claro em sua teoria que a democracia e o socialismo são inseparáveis. Sem a democracia, o socialismo não é aproveitado em seu máximo potencial, pois, é necessário o "funcionamento saudável e vigoroso de todas as organizações públicas, grupos de produção e sindicatos criativos, formas novas de atividades de cidadãos e o renascimento daqueles que foram esquecidos" (GORBACHEV, 1988, p. 32), e tudo isso só pode ser alcançado através da ampla democratização de todos os aspectos da sociedade. E se todos esses elementos faziam parte da *perestroika* de Gorbachev, portanto, a própria *perestroika* só poderia ser consumada através da democracia. Nas palavras de Gorbachev,

“A essência da *perestroika* está no fato de que *une o socialismo com a democracia* e revive o conceito leninista de construção socialista na teoria e na prática. Esta é a essência da *perestroika*, aquilo que é responsável por seu espírito revolucionário genuíno e seu campo de ação totalmente abrangente”. (1988, p. 37).

Desta forma, o objetivo não era abandonar ou ao menos mudar os princípios fundamentais do socialismo, mas aprovar mudanças capazes de fortalecê-lo, fazendo-o mais dinâmico e significativo politicamente. Por isso a adoção da democracia como elemento capaz de promover mudanças dentro do sistema político. Esta havia se tornado uma questão de vida ou morte para o socialismo soviético, a qual não sobreviveu.

Essa democracia, no entanto, criou no tecido social a liberdade necessária às massas para demonstrar seu descontentamento com o socialismo vigente, de forma a explicitar a perda de legitimidade do regime, e de que ele possuía um prazo de validade, pois, assim como demonstrado em *Adeus, Camaradas!*, o que Gorbachev não levou em conta ao

oferecer a democracia aos povos que sofreram influência direta da URSS por décadas foi a questão da nacionalidade – que se radicalizou rapidamente entre 1989 e 1990 – em cada um desses povos. A esta altura, "com algumas exceções, todos os demais países onde triunfaram regimes comunistas, da URSS em diante, eram e viam-se como culturalmente atrasados e marginais, em relação a algum centro avançado e paradigmático da civilização". (HOBSBAWM, 1995, p. 448). Ainda nas palavras do historiador inglês,

“Na verdade, na década de 1970 era claro que não só o crescimento econômico estava ficando para trás, mas mesmo os indicadores sociais básicos, como o da mortalidade, estavam deixando de melhorar. Isso minou a confiança no socialismo talvez mais do que qualquer outra coisa, pois sua capacidade de melhorar a vida da gente comum através de maior justiça social não dependia basicamente de sua capacidade de gerar maior riqueza. O fato de a expectativa de vida na URSS, Polônia e Hungria permanecer quase imutada durante os últimos vinte anos antes do colapso do comunismo [...] era causa de séria preocupação [...]”. (HOBSBAWM, p. 457).

Desta forma, a aceitação do comunismo pelas massas não dependia da convicção ideológica que a população tinha pelo regime, mas do que a população julgava ser eficiente dentro deste estilo de governo, basicamente, o que o regime comunista podia fazer por elas, e principalmente, em comparação com a situação de outros países. "Assim que não foi mais possível isolar essas populações do contato e conhecimento com outros países, seus julgamentos foram céticos", afirma Hobsbawm (1995, p. 480).

O diretor Nekrasov defende que a liberdade de expressão concedida por Gorbachev permitiu, entre outras coisas, aos soviéticos admitirem que impuseram à força o socialismo no Leste Europeu.

Como a força estava “fora de moda” naquela época, que quase ninguém protestou contra a queda do Muro de Berlim, em 1989. Além disso, após a reunificação da Alemanha, no ano seguinte, as tropas soviéticas começaram a ser retiradas dos países signatários do Pacto de Varsóvia, levando ao fim do tratado. Dessa forma, “[...] todo o chamado Leste Europeu, [...] não apenas saíra da órbita de Moscou, como abandonara o socialismo como projeto de sociedade. E a URSS nada fizera para detê-lo”. (REIS FILHO, 2003, p. 149).

O fracasso da *perestroika* e a rejeição a Gorbachev tornaram-se cada vez mais crescentes e visíveis dentro da URSS, embora a situação fosse outra no Ocidente. Aliado a isso, a desintegração econômica que afligia o governo ajudou a adiantar a desintegração política do regime. Até o fim de 1989, o poder comunista havia deixado de existir na Polônia, Tchecoslováquia, Hungria, Romênia, Bulgária e República Democrática Alemã, sem que um único tiro fosse disparado, exceto na Romênia. Em síntese, Hobsbawm (1995, p. 468), afirma que o que levou a União Soviética para um rápido declínio foi a

“combinação da *glasnost*, pois ela equivalia à desintegração da autoridade, com uma *perestroika* que equivalia à destruição dos velhos mecanismos que faziam a economia mundial funcionar, sem oferecer qualquer alternativa, e consequentemente o colapso cada vez mais dramático do padrão de vida dos cidadãos.”

### Considerações finais

No final de *Adeus, Camaradas!* é levantado um debate sobre se as reformas de Gorbachev foram feitas para salvar o sistema soviético ou em nome da democracia. Após a leitura dos textos, pode-se perceber que uma alternativa não excluía a outra no pensamento de Gorbachev. Ao retomar as ideias de

Lênin, o idealizador da *perestroika* entendia que o real socialismo só poderia ser alcançado a partir do apoio das massas.

Contudo, a previsão feita por Gorbachev não se concretizou. Ao colocar um ponto final nas ingerências da União Soviética nos países do Leste Europeu e promover a desestalinização da sociedade soviética, os povos dos países sob regimes comunistas preferiram abandonar esse sistema em prol da liberdade para escolher seus próprios destinos.

Ao pensar que as sociedades influenciadas pelo regime soviético fossem escolher de livre e espontânea vontade a manutenção desse sistema, Gorbachev mostrou-se excessivamente confiante nas virtudes do socialismo. Tais sociedades tiveram o sistema socialista imposto – dessa forma, surgiram governos ditatoriais. Logo, a preferência por deixar esse modo de organização social foi muito mais fácil nesses países.

Já na União Soviética, pode-se perceber que a população em geral ansiava por mudanças. Porém, o plano de reformas idealizado por Gorbachev não foi suficiente para mudar o panorama de descontentamento da população soviética. Dessa forma, buscou-se alternativas mais radicais, centralizadas na figura de Boris Yeltsin. Após a desagregação da União Soviética, contudo, Yeltsin assumiu o poder na Rússia e o panorama não

melhorou significativamente.

Democrata ou mero reformista, libertador ou traidor, Mikhail Gorbachev permanece uma figura que desperta polêmicas. Por vezes é culpado pelo fim da União Soviética; por vezes é aclamado pelo mesmo motivo. Seja como for, Gorbachev foi uma das figuras mais importantes do século XX.

## Referências

- ADEUS, CAMARADAS! (Adieu Camarades!). Direção: Andrei Nekrasov. Produção: Olivier Mille, Christian Beetz. Intérpretes: Tatiana Nekrasov, Andrei Nekrasov e outros. Roteiro: Andrei Nekrasov, Jean-François Colosimo e György Dalos. França, 2011, ARTE, 2 DVD (312 min), color. Distribuído por Versátil.
- GORBACHEV, Mikhail. **Perestroika** – novas ideias para o meu país e o mundo. 22ª edição. São Paulo: Editora Best Seller, 1988.
- HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MACFARQUHAR, Neil. Gorbachev ainda é odiado na Rússia 25 anos após queda da União Soviética. **The New York Times**, Moscou, jun 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/06/1778603-gorbachev-ainda-e-odiado-na-russia-25-anos-apos-queda-da-uniao-sovietica.shtml>>. Acesso em: 16 jul. 2017.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 5ª edição. Campinas: Papirus Editora, 2005.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. **As Revoluções Russas e o Socialismo Soviético**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.